

POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM ACERVOS DIGITAIS: OS RELATOS DE VIAGENS SOBRE GOIÁS DO SÉCULO XIX

Research possibilities in digital collections: travel reports about Goiás in the 19th century

Posibilidades de investigación en colecciones digitales: reportajes de viajes sobre goiás en el siglo XIX

Rildo Bento de Souza¹

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir acerca de possibilidades de pesquisa dos relatos de viagens no século XIX sobre Goiás que se encontram em acervos digitais. Trata-se da transcrição revisada da palestra “Relatos de viagens no século XIX sobre Goiás e os acervos digitais: memória, documentação e pesquisa” proferida em março de 2021, na atividade de extensão “Surfando nos acervos digitais” do grupo de pesquisa em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Palavras-chave: Acervos digitais. Goiás. Relatos de viagem. Sertão.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on research possibilities of travel reports in the 19th century about Goiás that are found in digital collections. This is the revised transcription of the lecture “Travel reports in the 19th century about Goiás and digital collections: memory, documentation and research” given in March 2021, in the extension activity “Surfing in digital collections” of the research group on Media, Technologies and History (MITECHIS) at the Federal University of Tocantins (UFT).

Keywords: Digital collections. Goiás. Travel reports. Hinterland.

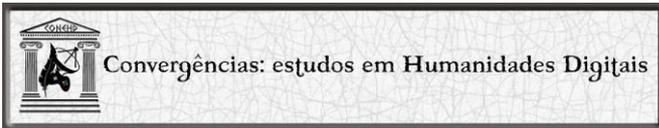
Resumen: El propósito de este artículo es reflexionar acerca de posibilidades de investigación de los relatos de viajes en el siglo XIX sobre Goiás que se encuentran en colecciones digitales. Esta es la transcripción revisada de la conferencia “Relatos de viaje en el siglo XIX sobre Goiás y colecciones digitales: memoria, documentación e investigación” pronunciada en marzo de 2021, en la actividad de extensión universitaria “Navegando en colecciones digitales” del grupo de investigación en Medios, Tecnologías e Historia (MITECHIS) de la Universidad Federal de Tocantins (UFT).

Palabras clave: Colecciones digitales. Goiás. Informes de viaje. Sertão.

Recebido em: 01 de mar. de 2023

Aceito em: 29 de abr. de 2023

¹ Doutor em História. Professor da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: rildobento@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2134103203642036>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1437-9595>.

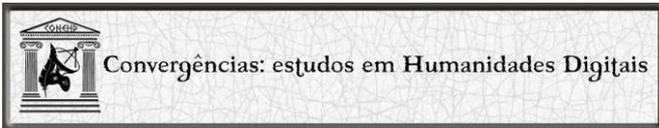


Este texto é uma versão aprofundada da conferência que ministrei, em março de 2021, em modo remoto, sobre a importância dos relatos de viagens sobre Goiás do século XIX que estão em acervos digitais, a convite do coordenador do Grupo de Pesquisa e Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor George Leonardo Seabra Coelho. Naquele período, ainda vivíamos de modo mais intenso a pandemia de Covid-19, o (des)governo negacionista ainda relutava em comprar vacinas, produzidas em tempo recorde. Essa gestão criminoso da pandemia, por parte do (des)governo, desnudou à sociedade que o investimento em educação e ciência deve ser prioridade.

A pandemia nos colocou diante de vários desafios, e o de fazer pesquisa, com os arquivos fechados, foi um deles. Mas se os arquivos estavam indisponíveis, a comunicação entre os pesquisadores se acentuou e, como num processo de resistência, proliferaram eventos acadêmicos e científicos em modo virtual. Lembro, por exemplo, que essa conferência contou com quase 100 participantes de vários lugares do país, coisa impensável presencialmente.

E diante de um (des)governo que elegeu a ciência, a educação e a cultura como inimigos, estudar é, antes de tudo, um ato de resistência. E resistimos! Por isso, considero que o estudo, a pesquisa, a reflexão e a sua divulgação devem ser valorizados. Se nos últimos anos os representantes do nosso país passaram a adotar a mentira e as *fake news* como verdade, é nossa função, como pesquisadores, bem como das universidades, fazerem o contraponto a essas políticas governamentais genocidas que ceifam não somente vidas, como também as nossas forças, a nossa esperança e as perspectivas de um futuro. Felizmente vencemos e esperamos que esse novo governo possa honrar nossos votos, nossa esperança e a perspectiva de um futuro melhor.

Por isso considero que estudar é um ato de resistência. Devemos existir e resistir, embora, às vezes, nos sintamos sufocados por tudo que ocorre à nossa volta. Passamos por um período que vai ser muito estudado pelos(as) historiadores(as) no futuro, bem como pelos(as) historiadores(as) que se ocupam da história do tempo presente. Tudo que fazemos, seja uma postagem numa rede social, seja um desabafo em forma de peça literária, de uma música, de um vídeo... Tudo isso são pistas, fontes, indícios, rastros, que os(as) historiadores(as) do futuro vão buscar para tentar compreender como nos comportamos no meio da maior crise sanitária da nossa história e por que fomos tão passivos e fracos diante de tantas mortes que poderiam ter sido evitadas.



As fontes e os documentos que produzimos e produziremos, obviamente, serão consultados no futuro por meio das mídias digitais. Haverá talvez pouco papel pra ser salvaguardado. E hoje, ao tentarmos resistir, por meio dos estudos e da pesquisa, temos que nos adaptar às novas circunstâncias. E os arquivos e acervos digitais são muito importantes para democratizar o acesso às fontes e possibilitar que um número maior de pessoas, sejam ou não da academia, possam também procurar indícios de como viviam as mulheres e os homens no passado. E todas essas fontes são muito importantes.

Não há na história tema superado, ou que não possa novamente ser discutido. As fontes que abordaremos sofreram por parte da academia certo boicote, ou vistas como ultrapassadas. Eu, pelo menos, já ouvi muitos dizerem que os relatos de viajantes do século XIX são contaminados de subjetividade, que apresentam uma visão distorcida da população, que eles tinham muito preconceito e por conta disso não serviam como fonte confiável (como se isso existisse!). Eu acredito que é exatamente por isso que eles são fontes importantes e interessantíssimas.

De acordo com Miriam Moreira Leite no seu estudo *Livros de viagem (1803-1900)*, até 1970 os relatos de viajantes estrangeiros “eram aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica”. Ela salienta também que “embora sejam fontes promissoras de dados qualitativos (principalmente) para a História Social, a documentação que fornecem precisa passar por um crivo analítico, que torne válida a sua contribuição”. Por outro lado, completa a autora, por não fazer “parte do grupo cultural visitado” os viajantes estrangeiros, principalmente, tinham “condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber” (LEITE, 1997, p. 9-10).

Portanto, tudo isso torna o tema desta reflexão muito ambicioso, uma vez que nos propomos a discutir memória, documentação e pesquisa nos relatos dos viajantes do século XIX que se encontram nos acervos digitais. São centenas de relatos, não somente sobre Goiás, mas sobre todo o território brasileiro. Quem tiver interesse nos relatos do século XIX, não pode deixar de forma alguma, de *passar* pela Biblioteca Digital do Senado Federal,² Livraria do Senado³ (onde a maioria dos livros podem ser baixados gratuitamente), Biblioteca Digital

² Ver: <https://www12.senado.leg.br/institucional/biblioteca>.

³ Ver: <https://livraria.senado.leg.br/>.



Curt Nimuendajú,⁴ as Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,⁵ Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo⁶ e a Biblioteca Digital de Obras Raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)⁷. Não podemos deixar de citar também o Google Livros e *sites* internacionais que guardam muito da memória do Brasil, como a HathiTrust Digital Library⁸, que é uma colaboração sem fins lucrativos de bibliotecas acadêmicas e de pesquisa, que possui mais de 17 milhões de itens digitalizados.

Em se tratando de estudos historiográficos sobre Goiás, o século XIX é o que menos possui representatividade na pesquisa acadêmica, se levarmos em conta, por exemplo, os trabalhos produzidos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, o qual sou vinculado. Há poucos trabalhos em comparação com os que contemplam os séculos XVIII e XX. O século XIX é um período complexo, uma vez que ocorreram grandes e profundas transformações; não pretendo me alongar muito nisso, mas podemos apontar algumas: para começar, o século XIX é a síntese da nossa história política, quando o Brasil começou Colônia, tornou-se Reino Unido de Portugal, tornou-se independente, foi Império, e por fim, República. Para, além disso, tivemos a vinda da Família Real, a abertura dos portos, quando finalmente o Brasil foi “descoberto” pelos viajantes estrangeiros e por isso há tantos relatos dessa época. Nessa perspectiva, eu indico o livro de José Carlos Barreiro intitulado *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*, que tem por objetivo, a partir do imaginário dos viajantes, a “reconstituição do cotidiano e das lutas sociais das classes subalternas desse período” (BARREIRO, 2002, p. 09).

Também podemos destacar no século XIX as várias insurreições nas províncias com objetivo de se separar do país, bem como a Guerra do Paraguai (1864-1870), e grandes epidemias como a de varíola, cólera e febre amarela. Ademais, foi o século da estrada de ferro, que encurtou e muito as distâncias, e se tornou o objeto de desejo em Goiás, para que finalmente tirasse a província/estado do isolamento. Embora seja do século XX, de 1925, eu recomendo o relato de viagem *Terra distante*, do então capitão e futuro General Pedro Cordolino de Azevedo (1884-1958), que narra o seu retorno à sua terra natal, a Cidade de Goiás, de quando saiu ainda criança, aos nove anos, em 1893 para morar no Rio de Janeiro.

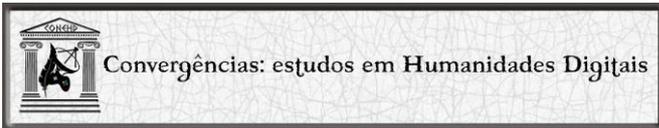
⁴ Ver: <http://www.etnolinguistica.org/>.

⁵ Ver: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>.

⁶ Ver: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>.

⁷ Ver: <https://bdor.sibi.ufrj.br/>.

⁸ Ver: <https://www.hathitrust.org/>.



Ele comparou a viagem que fez menino com a do seu retorno, quando usou a estrada de ferro até a última estação ferroviária do estado disponível naquele período, a de Tavares, atual cidade de Vianópolis que dista 230 km da então capital, Cidade de Goiás. Infelizmente, não existe nenhuma versão digital disponível. Há um exemplar desse livro no Arquivo Frei Simão Dorvi, na Cidade de Goiás.

E enquanto a Europa vivia a segunda revolução industrial, o Brasil convivia com uma tragédia: a escravidão. Fomos um dos últimos países do mundo a abolir o trabalho de escravizados. Como resultado, temos um país que durante mais de três séculos foi escravocrata, e que ainda carrega consigo o reflexo desse período. Somos um país racista. Um país desigual que mata diariamente seus cidadãos negros, seja por ser o grupo mais violentado pela polícia, mais vulnerável em termos de moradia, acesso à saúde, educação e alimentação. Não obstante, a população negra foi a mais atingida pela mortalidade da Covid-19⁹.

Infelizmente, ainda há muito do século XIX presente hoje, a diferença é que os historiadores do futuro vão poder analisar os discursos produzidos por essa população, diferentemente do século XIX, quando as suas vozes não foram guardadas, a não ser pela opinião de outras pessoas que detinham o conhecimento da escrita. Em 1906, nas primeiras estatísticas do século XX, o Brasil apresentava uma média de 74,6% de analfabetos. E há uma grande diferença, entre saber ler e escrever o nome, e ler e interpretar. Muitos dos que não se consideravam analfabetos só sabiam ler o escrever o próprio nome. Ser alfabetizado, minimamente que fosse, era critério para votar. E a maioria dos alfabetizados estava, obviamente, nos grandes e médios centros urbanos. Portanto, os documentos produzidos no século XIX, principalmente os relatos de viagem, precisam ser analisados também por essa perspectiva.

Ademais, no livro *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*, Jean Marcel Carvalho França fez as seguintes indagações diante dessas fontes: “Quem eram os homens que as escreviam? A que público em geral se destinavam? De que estatuto de verdade gozavam? Que alcance tinham na sociedade de então? E, sobretudo, que contornos e que cores ganharam o Brasil e os brasileiros nesses escritos?” (FRANÇA, 2012, p. 11). Ou seja, a análise desses relatos requer, por parte do pesquisador, muito cuidado.

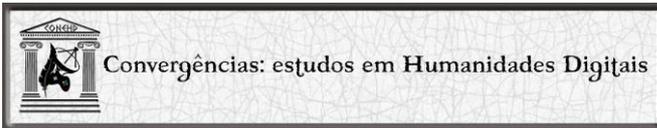
⁹ Ver: <https://www.abrasco.org.br/site/gtracismoesaude/2020/07/20/por-que-a-covid-19-e-mais-mortal-para-a-populacao-negra-artigo-de-edna-araujo-e-kia-caldwell/>. Acesso em: 18 nov. 2022.



Então, para delimitar um pouco, vou me concentrar nos relatos de viagem produzidos no século XIX sobre Goiás – e nesse caso, quando eu falo Goiás eu me refiro também a todo o atual estado do Tocantins – e que estejam disponíveis em acervos digitais de fácil acesso. Não obstante, infelizmente, muitos não puderam entrar, dentre esses, destaco o importante relato *Viagem ao interior do Brasil*, do naturalista austríaco Johann Baptist Emanuel Polh, que andou por Goiás, onde ficou dois anos, e também pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais entre 1817 a 1821. Também não entrou o livro *Passagens*, que é a autobiografia do Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo de Goyaz de 1891 a 1907. Essa interessante personagem foi a responsável pelo processo de romanização do catolicismo em Goiás. Em sua gestão, por exemplo, retirou a festa de Trindade, em devoção ao Divino Pai Eterno, dos coronéis, causando uma grande confusão, chegando, até mesmo, a transferir os festejos para a então cidade de Campinas, hoje bairro de Goiânia.

Ademais, não entrou igualmente o relato interessantíssimo do Frei Germano Llech, intitulado *A ordem dominicana em Goiás*, que esmiúça o processo de adaptação dos dominicanos na Cidade de Goiás, após virem da Europa no final do século XIX, com o objetivo de romanizar e catequizar o povo goiano. O relato está publicado na Revista n. 5 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, de 1976, e conta com a tradução do professor Genesco Ferreira Bretas.

E no meio de tantos homens não entrou, infelizmente, o único escrito por uma mulher, que eu considero um dos melhores relatos de viagem sobre Goiás, que é o livro de Augusta de Faro Fleury Curado intitulado *Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 (a viagem era assim)*. Trata-se de um relato fabuloso, sensível, de uma mulher cidadina, educada na França, de pais ricos, escritora, que se casou no Rio de Janeiro com o primo da Cidade de Goiás, Sebastião Fleury Curado (que viria a ser um dos mais importantes juristas do estado). Ela teve, por exemplo, como padrinho de casamento Joaquim Nabuco, que presenteou o casal com baixelas de prata. E quando o marido decidiu retornar a capital de Goiás, em 1896, ela o acompanhou, juntamente com dois filhos pequenos. E ela narrou todo o percurso, com muito espanto e resignação, mostrando em detalhes como era difícil percorrer o caminho de dois meses até a Cidade de Goiás. Em 2019, publiquei um artigo sobre esse relato, que eu recomendo a quem quiser saber mais, intitulado “Pobre mulheres do sertão: um olhar feminino sobre as mulheres de Goiás no final do século XIX” (SOUZA, 2019).



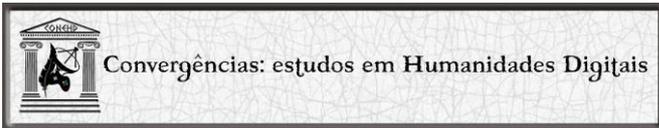
Ademais, poderia elencar muitos outros que não entraram, mas esses que eu falei são os mais significativos e pouco conhecidos. Há, também, os que não foram traduzidos para o português, como o relato do professor e explorador francês Henri Coudreau, *Voyage au Tocantins-Araguaia*, que está disponível na Biblioteca Digital do Senado e na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

O que eu pretendo apresentar, portanto, é uma variedade de relatos de viagem, não somente de estrangeiros como também de brasileiros, e como esses relatos são importantes para compreendermos vários aspectos da sociedade goiana no século XIX. Dentre os vários relatos de viagem sobre Goiás disponíveis em acervos digitais, enfocarei 13 autores, quais sejam: Luis d'Alincourt (1787-1841); Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853); Raimundo José da Cunha Matos (1776-1839); George Gardner (1812-1849); François de Laporte de Castelnau (1812-1880); Vicente Ferreira Gomes; José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898); Virgílio Martins de Mello Franco (1839-1922); Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim (1856-1891); Joaquim de Almeida Leite Moraes (1835-1895); Luís Ferdinand Cruls (1848-1908); Oscar Leal (1862-1910); e Étienne-Maria Gallais (1851-1907).

O militar português Luis d'Alincourt (1787-1841) chegou ao Brasil em 1809 se transferindo do Regimento de Artilharia de Lisboa para o do Rio de Janeiro. Em 1818, empreendeu uma viagem do porto de Santos até a cidade de Cuiabá, com o objetivo de elaborar “[...] um roteiro seguro que facilitasse futuras incursões, detalhando direção da estrada, qualidade de terrenos, rios e riachos que atravessou, povoações que encontrou” (DOLES; NUNES, 1992, p. 77-80). O seu livro está disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal¹⁰.

Em 1819, foi a vez do botânico e naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853) percorrer os sertões goianos. Sua expedição pelo Brasil ocorreu entre 1816 e 1822. “Sobre Goiás, o referido cientista registrou as suas impressões sobre a terra e o povo na memória intitulada *Viagem à Província de Goiás* (a memória foi escrita na década de 40 do século XIX, daí tratar Goiás como Província)” (DOLES; NUNES, 1992, p. 75). Com informações que dizem respeito às áreas de geologia, história, botânica, arquitetura, dentre outras, seu relato é um dos mais utilizados pelos estudos relacionados a Goiás no século XIX. Uma curiosidade: em sua passagem pela então Vila Boa,

¹⁰ Ver: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1113>. Acesso em: 21 fev. 2022.



hoje Cidade de Goiás, Saint-Hilaire afirmou que a então capital não tinha “muita salubridade, e não tardaria a ser abandonada se nela não ficasse localizada a residência de todo o corpo administrativo da província” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 50). Embora não cite diretamente Saint-Hilaire, esse foi um dos argumentos utilizados pelo médico e político Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979) na década de 1930 para construir uma nova capital para o estado de Goiás.¹¹ A obra do viajante francês foi celebrada em 2020 em um grande evento na UFG que resultou no livro *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*, organizado por Lenora Barbo (2021). Seu relato está disponível na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ¹².

Em seu *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás* o militar e político português Raimundo José da Cunha Matos (1776-1839), relatou suas andanças entre 1823 e 1826 pelos sertões do Brasil. Sua justificativa para tal empreitada ocorreu quando foi empossado no cargo de governador de armas, em 1823, e percebeu a “necessidade urgente de registrar os materiais coletados durante a incumbência das missões militares, que o levaram a percorrer um vasto sertão até o extremo norte da província de Goiás” (GRAÇA FILHO, 2004, p. XI). Ademais, Cunha Matos foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Seu *Itinerário* encontra-se disponível no Google Livros¹³.

O naturalista, médico e botânico escocês, George Gardner (1812-1849), percorreu o Brasil durante cinco anos; retornou à Europa com mais de 60 mil espécies de plantas colhidas na viagem. Seu livro *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841* descreve as vilas, cidades, arraiais, fala sobre a população e seu vestuário, o clima, as doenças, a fauna e a flora, dentre outros aspectos e está disponível na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ¹⁴.

A serviço do governo francês, o naturalista inglês François Louis Nompár de Caumont LaPorte, conde de Castelnau (1812-1880), chegou ao Brasil em 1843 para chefiar uma expedição que percorreu as Províncias de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, além de países

¹¹ Para mais sobre o assunto, ver: SOUZA, 2021.

¹² Ver: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/150>. Acesso em: 13 fev. 2022.

¹³ Ver: https://books.google.com.br/books?id=CwVLAQAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 13 fev. 2022.

¹⁴ Ver: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/308>. Acesso em: 14 fev. 2022.



vizinhos, até 1847. A Vila Boa, chegou em 1844. Sua obra *Expedições às regiões centrais da América do Sul* está disponível na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ¹⁵.

O juiz de Direito da cidade de Palma, no norte da Província de Goiás, Vicente Ferreira Gomes, viajou pelo Rio Tocantins durante uma licença de três meses em 1859, e produziu o relato: *Itinerário da Palma, em Goyaz, à cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve notícia do norte da Província de Goyaz*, publicado em 1862 na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em cujo site encontra-se disponível atualmente¹⁶.

O militar, advogado e político mineiro, José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), foi presidente das Províncias de Goiás (1862), Pará (1864), Mato Grosso (1867) quando iniciou a Guerra do Paraguai, e São Paulo (1889), quando foi proclamada a República. Escreveu várias obras importantes, com destaque para *Viagem ao Araguaia* (1863) e *O selvagem* (1876)¹⁷. O primeiro foi publicado no mesmo ano em que assumiu a presidência da Província de Goiás. Além de ter viajado quase todo o interior do Brasil, também conheceu grande parte da Europa e África. Seus livros versam sobre “Linguística, Botânica, Etnologia e Antropologia, sendo considerado o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil”¹⁸. No livro *Viagem ao Araguaia*, que se encontra disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo¹⁹, Couto de Magalhães lançou a ideia da mudança da capital da província, reconhecendo que a Cidade de Goiás não possuía as condições necessárias para tal. Sua proposta era que a capital se estabelecesse em Leopoldina, atual cidade de Aruanã, às margens do Rio Araguaia. Chegou a afirmar, por exemplo, que a Cidade de Goiás “não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada”, e “que aqui se escoia vida, gemendo lentamente” (MAGALHÃES, 1974, p. 52). Tais afirmações foram utilizadas por Pedro Ludovico Teixeira para justificar a mudança da capital na década de 1930.

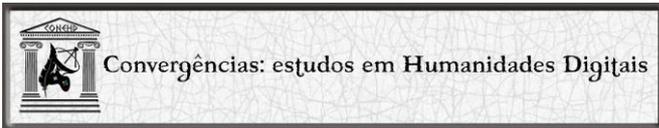
¹⁵ Ver: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/78>. Acesso em: 14 fev. 2022.

¹⁶ Ver: <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107719-revista-ihgb-tomo-xxv.html>. Acesso em: 8 fev. 2022.

¹⁷ “A obra *O Selvagem* (1876) é resultado dessas suas longas viagens e explorações do Araguaia, durante as quais Couto de Magalhães viveu cerca de 12 anos entre índios, estudando suas línguas e hábitos, colhendo suas lendas e tradições e traduzindo-as para o português”. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/fichas_descritivas/Magalhaes_1876.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

¹⁸ Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/fichas_descritivas/Magalhaes_1876.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

¹⁹ Ver: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/200> Acesso em: 5 fev. 2022.



O magistrado e político mineiro, Virgílio Martins de Mello Franco (1839-1922), foi Juiz de Direito da Comarca de Palma (1876), de Traíras (1876), Meia Ponte, atual Pirenópolis (1877), e de Vila Boa, atual Cidade de Goiás (1878). Narrou em dois livros – *Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz* e *Viagem à Comarca da Palma na Província de Goyaz* – todo trajeto que empreendeu nos sertões. Ambas as obras estão disponíveis no Google Livros.²⁰

O engenheiro militar Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim (1856-1891), neto do presidente da província de Goiás, José Rodrigues Jardim, empreendeu várias viagens de exploração e reconhecimento dos rios Araguaia, Tocantins e Tapajós. Em 1880 publicou o livro: *O Rio Araguaya. Relatório de sua exploração pelo Major d'Engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim, precedido de um resumo histórico sobre sua navegação pelo Tenente-Coronel d'Engenheiros Jeronimo R. de Moraes Jardim, e seguido de um estudo sobre os índios que habitam suas margens, pelo Dr. Aristides de Souza Spinola, Presidente de Goyaz* que se encontra disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú²¹.

O paulista Joaquim de Almeida Leite Moraes (1835-1895) produziu o interessante relato intitulado *Apontamentos de viagem*, publicado originalmente em 1883, mas que se refere ao início de 1881, quando viajou de São Paulo para Goiás, para assumir a Presidência da Província, ficando no cargo de fevereiro a dezembro do mesmo ano. O diário contempla a viagem de São Paulo a Cidade de Goiás, da Cidade de Goiás a Belém, e de Belém pra São Paulo novamente. Encontra-se disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo (USP)²².

Em 1892, o engenheiro civil belga Luís Ferdinand Cruls (1848-1908), que se encontrava no Brasil desde 1874, chefiou uma equipe de cientistas com o objetivo de avaliar as condições para que a nova capital do país fosse construída no Planalto Central. Dessa empreitada no centro do Brasil, originou-se o livro *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central*, popularmente conhecido como *Relatório Cruls*. Para além do relatório de Cruls, há também como anexo os relatórios do botânico, do geólogo, e do médico higienista da expedição. O livro contém análises detalhadas do território, das cidades, das condições

²⁰ Ver: https://books.google.com.br/books?id=mDgLAQAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false e https://books.google.com.br/books?id=ToQ6AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 fev. 2022.

²¹ Ver: <http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:jardim-1880-rio>. Acesso em: 11 fev. 2022.

²² Ver: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4977?locale=en>. Acesso em: 8 fev. 2022.



naturais, além de muitas fotografias e mapas. Está disponível na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ²³ e na Biblioteca Digital do Senado Federal²⁴.

Na primeira de suas viagens a então província de Goiás, o dentista, viajante e escritor carioca Oscar Leal (1862-1910) chegou à Cidade de Goiás na virada do ano de 1884 para 1885. Estudou em Portugal, terra natal de seu pai, que era comendador, mas o viajante é carioca de nascimento, e não lusitano, como afirmam alguns de seus biógrafos. Em sua primeira incursão por Goiás, 1884-1885, escreveu o livro *Viagem ao centro do Brazil (impressões)*, publicado em Lisboa em 1886, e disponível no repositório *HathiTrust Digital Library*²⁵. O segundo e mais popular nas pesquisas sobre Goiás é o *Viagem às terras goyanas (Brazil central)*, publicado em 1980, pela editora da UFG na já clássica *Coleção Documentos Goianos*, que é fruto de sua viagem empreendida em 1889; também está disponível no repositório *HathiTrust Digital Library*²⁶. Embora tenha estado na capital da província/estado nas duas viagens, ele a descreveu pormenorizadamente apenas no primeiro livro. A essas duas obras, soma-se *Viagem a um país de selvagens*, que narra suas experiências na região norte do Brasil, e encontra-se disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal²⁷.

E, por fim, o dominicano francês, Étienne-Maria Gallais (1851-1907), que veio para o Brasil no início da década de 1880 e atuou junto à catequização dos indígenas e produziu dentre outros o livro: *Uma catequese entre os índios do Araguaia*, publicado originalmente em 1903 e disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú²⁸.

Dentre os 13 autores elencados acima, dois foram presidentes da Província de Goiás, e de outras: José Vieira Couto de Magalhães e Joaquim de Almeida Leite Moraes; dois foram juízes de alguma comarca goiana: Vicente Ferreira Gomes e Virgílio Martins de Mello Franco; três eram naturalistas europeus: George Gardner, Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, François de Laporte de Castelnau; dois foram militares europeus: Luis D'Alincourt e Raimundo José da Cunha Matos; dois eram engenheiros: o europeu Luís Ferdinand Cruls e o brasileiro Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim; um era um jovem viajante, o carioca Oscar Leal; e, por fim, um era religioso europeu, Étienne-Maria Gallais. Ou seja, todos eram homens brancos, da elite – seja política, militar, religiosa ou científica –,

²³ Ver: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/344>. Acesso em: 20 fev. 2022.

²⁴ Ver: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/574202>. Acesso em: 15 fev. 2022.

²⁵ Ver: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c087756220&view=1up&seq=165>. Acesso em: 4 fev. 2022.

²⁶ Ver: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044080505894&view=1up&seq=5>. Acesso em: 5 fev. 2022.

²⁷ Ver: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573990>. Acesso em: 10 fev. 2022.

²⁸ Ver: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:gallais-1903>. Acesso em: 10 fev. 2022.



muitos estudaram na Europa, e passaram nos seus relatos a sua visão de mundo, ou tentavam compreender a lógica própria daquela sociedade. O espanto ao entrar nos sertões e se deparar com doenças, fome, miséria, é encontrado em quase todos os relatos.

Mas que sertão era esse? Em seu trabalho de fôlego sobre a dicotomia existente entre o litoral e o sertão, Nísia Trindade Lima, no livro *Um sertão chamado Brasil*, analisa como esse termo se inseriu no campo do discurso político, científico, acadêmico e literário. Essa palavra foi entendida nos “dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, em uma dupla ideia – a espacial de interior e a social de deserto, região pouco povoada” e tal concepção permanece até hoje nos glossários. Para, além disso, a esse vocábulo foram atribuídas várias interpretações entre o final do século XIX e o começo do XX, como “sertão enquanto modo de vida associada à atividade pecuária”; “simbiose entre o homem sertanejo e a natureza com seus segredos”; “distância em relação ao poder público e a projetos modernizadores” (LIMA, 1999, p. 57-59).

Noutro passo, os 13 relatos destacados percorrem quase que completamente o século XIX, de 1818 com Luis D’Alincourt até o final, com Étienne-Maria Gallais. Por outro lado, são pessoas de diferentes formações, que passaram praticamente pelos mesmos lugares e é possível ao analisar o conjunto compreender um pouco da sociedade goiana do período.

A cada nova leitura que fazemos desses viajantes conhecemos mais sobre o território goiano, desde a navegação do Rio Araguaia-Tocantins, o sonho da estrada de ferro, a ideia da mudança da capital da então província, a sociabilidade com os indígenas, a invisibilidade dos escravizados, as doenças que grassavam esses sertões, a relação dos seus habitantes com o espaço ao redor, a domesticação da natureza, principalmente em relação ao Cerrado, a dificuldade das viagens, a alimentação, o vestuário, os costumes, enfim, a vida em suas variadas formas que pulsaram à margem das picadas, trieiros e estradas que serpenteavam pelo sertão goiano...

Referências

ALINCOURT, L. **Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Brasília: Senado Federal, 2006.

AZEVEDO, C. **Terra Distante (Impressões de Goyaz)**. Rio de Janeiro: s/e, 1925.

BARBO, L. (Org.). **Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

Revista Convergências: estudos em Humanidades Digitais – v. 01, n. 01, p. 01-15, jan./abr. 2023



BARREIRO, J. C. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CASTELNAU, F. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CRULS, L. **Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central: relatório Cruls**. Brasília: CODEPLAN, 1984.

CURADO, A. F. F. **Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 (A viagem era assim)**. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.

DOLES, D. E.; NUNES, H. P. Memória da ocupação de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes europeus. **Ciências Humanas em Revista**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v. 3, n.1/2, jan/dez 1992.

FRANÇA, J. M. C. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: UNESP, 2012.

FRANCO, V. M. M. **Viagem à Comarca da Palma na Província de Goyaz**. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.

_____. **Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

GARDNER, G. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1975.

GOMES, V. F. Itinerário da Palma, em Goyaz, à cidade de Belém no Pará, pelo rio Tocantins, e breve notícia do norte da Província de Goyaz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, nº. 25, 1862.

GRAÇA FILHO, A. A. Andanças de um militar português pelos sertões do Brasil (1823-1826). In: MATOS, R. J. C. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e S. Paulo**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004.

JARDIM, J. R. M. **O Rio Araguaya. Relatório de sua exploração pelo Major d'Engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim, precedido de um resumo histórico sobre sua navegação pelo Tenente-Coronel d'Engenheiros Jeronimo R. de Moraes Jardim, e seguido de um estudo sobre os índios que habitam suas margens, pelo Dr. Aristides de Souza Spinola, Presidente de Goyaz**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880.

LEAL, O. **Viagem a um País de selvagens**. Brasília: Senado Federal, 2012.



- _____. **Viagem ao centro do Brasil (impressões)**. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886.
- _____. **Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central)**. Goiânia: Ed. UFG, 1980.
- LEITE, M. L. M. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM, 1999.
- LLCH, F. G. A Ordem Dominicana em Goiás. Tradução e Biografia de Genesco Ferreira Bretas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. Ano 4. N° 5. Goiânia: s/e, 1976.
- MAGALHÃES, J. V. C. **Viagem ao Araguaia**. São Paulo: Editora Três, 1974.
- MATOS, R. J. C. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e S. Paulo**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004.
- MORAES, J. A. L. **Apontamentos de viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- POHL, J. E. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1976.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1975.
- SILVA, E. D. **Passagens: autobiografia de Dom Eduardo Silva, bispo de Goyaz**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.
- SOUZA, R. B. S. “Pobres Mulheres do Sertão!”: um olhar feminino sobre as mulheres de Goiás no final do Século XIX. **Saeculum**, v. 24, 2019.
- _____. **As raízes profundas do jequitibá: o processo de construção mítica de Pedro Ludovico Teixeira**. Goiânia: Editora Trilhas Urbanas, 2021.

Sites consultados:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/biblioteca>

<https://livraria.senado.leg.br/>

<http://www.etnolinguistica.org/>

<http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>

<https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

<https://bdor.sibi.ufrj.br/>

<https://www.hathitrust.org/>

http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/fichas_descritivas/Magalhaes_1876.htm



<https://www.abrasco.org.br/site/gtracismoesaude/2020/07/20/por-que-a-covid-19-e-mais-mortal-para-a-populacao-negra-artigo-de-edna-araujo-e-kia-caldwell/>